

IMPACTO

A QUEDA DO HORIZONTE

YURI FLAGRARE

- Prólogo -

Nevasca

Ela estava completamente nua. A turbidez em sua vista era agravada pela forte neve que caía, impedindo-a que visse com clareza ao redor. O gelo deixava cortes e feridas em sua pele, mas ela não parecia se importar. Naquele momento, na verdade, ela não parecia sentir nem mesmo frio.

Ela se levantou devagar do tapete branco e gélido, tateando em busca de um apoio, mas não encontrou nada. Estava em algum lugar aberto. Seus pulmões trabalhavam pesadamente, fazendo-a ofegar – parecia que estava reaprendendo a respirar. Ela não sabia onde estava. Na verdade, ela não sabia de *nada*.

A jovem de pele pálida – quase azulada – arrastou os pés pelo chão nevado, sem nenhuma ideia de onde estava indo, apenas seguindo um instinto que dizia: *Viva*. Após dar o terceiro passo moroso, seus pés foram de encontro a algo no chão, peludo. Suas vistas começavam a melhorar e, à curta distância, já era possível identificar a maior parte do que estava ao seu redor.

Uma coruja piou alto ao longe. Ela se encontrava em uma clareira, cercada por altas árvores nativas de regiões frias. Já era tarde da noite e uma lua fantasmagórica brilhava no céu. Seus raios tingiam a neve de um azulado espectral que causava arrepios nela. Para complementar a cena, a luz do astro refletia em um fluido viscoso e negro que se espalhava por quase todo o chão: *sangue*.

A cena ao redor dela era desesperadora. O objeto com o qual ela se deparara era na verdade um corpo de um homem. Dez cadáveres se espalhavam pelo chão, em posições horríveis e assustadoras. A violência da cena era indescritível. O estado dos corpos era alarmante. Desmembramentos e sangue, muito sangue, era o mínimo que compunha a cena.

Aquele corpo próximo a ela, porém, era de um homem que parecia inacreditavelmente intacto. Seus olhos estavam vidrados e seu rosto exibia uma expressão de absoluto medo. Se morrera de susto? Talvez. O mais provável, entretanto, era que o pobre homem tivesse morrido de hipotermia ou algo assim.

O cérebro dela continuava mandando insistentemente a mesma mensagem – *viva* – e ela não se atreveu a contestar. Instintivamente, ela despiu o homem próximo a ela, vestindo-

se com seu conjunto completo de roupas: calças, botas, luvas e, é claro, a *parka*. O tecido era azulado e os pelos que cobriam as extremidades eram brancos. Um símbolo amarelo de formato amendoado estampava o braço direito do traje – ela não fazia ideia do que aquilo significava, mas não importava. Ao colocar as roupas, imediatamente ela se sentiu confortavelmente aquecida – um alívio. O homem também utilizava óculos de neve, mas ela decidiu que não precisava deles. Para sua surpresa, conseguia enxergar inesperadamente bem, mesmo com toda aquela neve caindo.

Agora que seu corpo se aquecia e entrava em um estado mais estável, ela começava a perceber elementos no cenário que antes não dera atenção. Todos os homens mortos portavam objetos compridos e largos, parecidos com lanças. As armas, porém, eram completamente feitas de uma espécie de material rígido e escuro. Ao lado do homem do qual ela retirara as roupas, uma pequena faca em forma de setor circular – ulu – estava pousada na neve. Estranhamente, a lâmina da ulu não parecia ser feita de nenhum material metálico conhecido – mas de algum tipo de vidro ou cristal de tonalidade azul. A ponta translúcida brilhava ao contato com a neve e o cabo da arma parecia ser feito do mesmo material das lanças.

Com rapidez, ela pegou a ulu, guardou numa bolsa feita de couro que acompanhava o traje, recolheu uma das lanças e, com ela em punho, respirou fundo e olhou a sua volta – para onde deveria ir?

A mulher de cabelos negros, curtos e desgrelhados analisou o terreno em busca de pistas, mas àquela altura a neve já cobrira quaisquer sinais de uma trilha que outrora existissem. De certa maneira, ela estava preocupada: o que quer que fosse que tivesse feito aquilo àqueles homens, poderia fazer o mesmo com ela. Ela sabia que aquilo não poderia ser obra de uma matilha de lobos – eles não desperdiçavam comida, tão escassa nos últimos anos. Talvez um urso? Por mais que quisesse acreditar, ursos pardos não eram famosos por *desmembrar* suas vítimas, fossem elas invasores de seu território ou ameaças para seus filhotes.

Antes que ela pudesse descobrir do pior jeito a origem daquele massacre, a mulher se pôs a avançar pela neve. Caminhou por vários minutos com muita dificuldade entre os troncos grossos da floresta na qual ela se encontrava. Seus pés afundavam na neve, fazendo o percurso cada vez mais cansativo. Um rosnado alto e feroz, porém, distante, a fez apressar o passo, até que ela visualizou o pico de uma montanha. Isso era ótimo, se ela encontrasse

um abrigo, poderia até armar uma fogueira para se proteger do frio e do que quer que fosse que estivesse lá fora. Determinada, ela seguiu.

O rosnado era acompanhado de vários outros grunhidos, formando um coro alto e distinto. Ela estava sendo caçada e o que quer que fossem, eram muitos. Embora ela detestasse admitir, suas chances estavam escassas, afinal eles pareciam próximos demais. Ela correu, com todas as forças que possuía.

Quando avistou o pé da montanha, as árvores desapareceram às suas costas. Estava em um campo aberto - um péssimo lugar para alguém que era um alvo. Os rosnados se tornaram mais altos e, aos poucos, pares de olhos vermelhos surgiram em meio a escuridão da floresta, encarando-a com um desejo visivelmente assassino. Para seu desespero, haviam mais olhos do que ela podia contar. O paredão da montanha atrás dela formara a armadilha perfeita – estava encurralada.

Os olhos foram se aproximando e os rosnados se tornando mais intensos. Ela já quase podia ver a imagem dos seus perseguidores – não que isso importasse muito agora, para alguém que estava prestes a *morrer*. Suas mãos tremiam de medo e frio e a adrenalina não a fazia pensar claramente, mas seu instinto dominou suas ações. Bravamente, ela sacou a ulu da bolsa de couro com a mão direita e, com a mão esquerda empunhou a lança – eles não iam tirar um pedaço dela sem uma boa luta!

As criaturas pararam de se aproximar abruptamente. Após alguns segundos, todos os olhos desapareceram e tudo que ela pode ouvir foram os rosnados sumindo floresta adentro, ao som de pesados passos. À princípio ela inocentemente acreditou que talvez pudesse tê-los afugentado, mas evidentemente não fora isso que ocorrera. Uma terrível nevasca descia do cume da montanha atrás dela e dessa vez o instinto deles de sobrevivência falara mais alto que o desejo de capturar sua presa. Ela precisava sair dali o mais rápido possível, ou encontrar abrigo, do contrário morreria congelada e soterrada e, ela tinha certeza, provavelmente ninguém nem mesmo acharia o seu corpo.

Em busca de um abrigo em alguma saliência do monte, ela decidiu vasculhar a fachada da montanha. O que ela viu, no entanto, a fez sentir um medo como jamais sentira antes. Em algum lugar, muito metros acima dela, um par de olhos amarelos e viciosos a observava atentamente. A vontade por sangue que vinha deles fazia parecer que seus perseguidores anteriores não eram nada demais. Ela verdadeiramente sentiu medo. Era

assim naquela época: A única coisa que um predador temia, era um predador ainda mais voraz.

Sem pensar duas vezes, ela correu de volta para a floresta, sem a menor ideia de onde estava indo. A nevasca se aproximava cada vez mais, e o que quer que fosse que ela trazia consigo. Ela tropeçou, cambaleou ou caiu uma porção de vezes, o que gerou os mais diversos rasgos em seus trajes, machucados e feridas, mas nada a impediu de continuar correndo em um ritmo desesperado.

Ela podia sentir aquela coisa se aproximando junto com a névoa espessa e, de algum modo, ela parecia poder sentir seus instintos de maneira quase *primordial*. Talvez por isso estivesse tão assustada. Ela podia sentir o desejo de matar que vinha daquela coisa. Ela correu com todas as suas forças, não se importando com o que encontrava em seu caminho. A aflição foi tanta que ela sequer percebeu quando não mais havia chão abaixo dos seus pés.

A queda era íngreme. Os trajes amorteceram parte do impacto, mas ela tinha certeza de que machucara seriamente alguma coisa enquanto seu corpo era jogado violentamente de um lado para o outro do barranco. Ao atingir o fundo, ela não mais estava na floresta e sim próximo ao leito de um rio congelado. Procurou uma direção e, não muito longe dali, percebeu um forte brilho alaranjado vindo da planície que se estendia após a elevação que se erguia a sua frente. Após recuperar suas forças, ela correu mais uma vez.

Quando alcançou o topo, seus olhos revelaram uma vila em meio a um vale, ou o que restara dela. Todas as construções, em sua maioria de madeira e palha, estavam em chamas. Tudo estava destruído. Ela não podia acreditar na sua falta de sorte. Correu com o restante de forças que ainda tinha e, à medida que passava pelas casas destruídas, percebeu que estranhamente não parecia haver ninguém ali. Nem uma alma viva sequer. Nem mesmo um corpo como encontrara na clareira. Apesar disso, ela tinha a forte sensação de estar sendo observada. Analisava atentamente todas as construções pelas quais passava em busca de alguém vivo, mas ela de fato parecia sozinha. Em todas as portas das cabanas ela pode perceber a existência de um losango azul pintado em tinta – que ela não fazia ideia do que significava.

Sua respiração pesava e as pernas já não mais aguentavam o esforço. Ela se aproximou do centro do vilarejo e encontrou uma imensa pira, provavelmente montada para manter a cidade aquecida. Apesar disso, a madeira estava intocada. Se ela estivesse acesa, seria

possível presumir que suas chamas haviam saído de controle e espalhado pelas casas, causando o incêndio, mas aquela era a única coisa ali que estranhamente não pegava fogo.

Ela não conseguia se livrar da sensação de estar sendo vigiada. Estava agora há pouco mais de 200 metros da fogueira. Algo então, aconteceu. Um relâmpago completamente *branco* cortou o céu escuro na direção da pira, causando um estrondo absurdamente alto. Seu coração disparou. Aquele fenômeno parecia-lhe estranhamente familiar e ao mesmo tempo lhe causava repulsa.

O que aconteceu em seguida foi completamente inexplicável. As toras de madeira negra que compunham a pira foram gradativamente se tornando azuladas e cristalinas – as próximas ao chão se transformaram primeiro e, por fim, toda a estrutura se transformara em vidro. Espantada, ela imediatamente reconheceu o material como sendo o mesmo da ulu. A curiosidade fez com que ela se aproximasse cada vez mais, até que em meio a todo o som de fogo crepitando das casas ao redor, ela pode ouvir um som inconfundível: o choro de um bebê.

Surpresa e desconfiada, ela procurou por todos os lados onde aquela criança poderia estar. Torceu para que não dentro de uma das casas, mas o choro estava vindo do lugar mais improvável de todos naquele local: do centro da pira. A mulher correu para as toras de vidro e o choro era claro e límpido como a estrutura. Uma pequena abertura entre as toras da pira permitiu que ela visse a criança deitada no chão de gelo, completamente nua, se debatendo – ela precisava salvá-la.

Com todas as suas forças, ela tentou mover as toras, mas elas estavam firmes e congeladas. Com a lança ainda no punho, ela tentou cortar as toras de vidro, mas elas eram simplesmente duras *demais*. Como poderia tirar a criança dali? Precisava pensar rápido, antes que ela congelasse. - Congelasse? Fogo! – A mulher correu para a casa mais próxima e, utilizando parte dos escombros, moveu uma tora de madeira que estava em chamas para perto da pira, na esperança que o gelo derretesse. Mas as chamas não fizeram efeito algum

O que quer que fosse aquele material, não era gelo. Ela manteve a tora em chamas próximo a pira de vidro com a intenção de manter o bebê minimamente aquecido enquanto ela tentava descobrir uma maneira de romper aquela gaiola intransponível e indestrutível de cristal.

A mulher se lembrou da ulu feita do mesmo material que carregava na bolsa - Talvez aquele vidro da pira fosse mesmo duro, mas com certeza poderia ser quebrado se ela utilizasse um material tão duro quanto ele! Com toda sua força, usando as duas mãos como apoio, ela golpeou repetidamente os pilares de cristal da pira usando a ulu. De início, ela não viu efeito, mas após alguns golpes, os primeiros rachados na estrutura começaram a aparecer devido à pressão concentrada exercida pela seção circular afiada da faca. Um golpe. Dois golpes. Três golpes. Quatro. No quarto golpe o vidro cedeu. Diferentemente do que ela esperava, que ele apenas se partisse no local do impacto, todo o vidro das toras estilhaçou em minúsculos pedaços, caindo em torno do bebê, que se debatia no chão ileso.

A mulher guardou a faca na bolsa de couro pegou a criança no colo. Sua pele era extremamente pálida e seus olhos eram azuis de modo quase espectral. A mulher envolveu a criança dentro de seus trajes e o bebê aos poucos se acalmou, envolta pelo calor. Foi só quando a criança finalmente adormeceu que a mulher percebeu o quanto estava cansada. Suas pernas estavam bambas. A exaustão fez todos os seus músculos relaxarem. Ela precisava encontrar um lugar para se proteger do frio àquela noite.

Ela vagou sem rumo por algum tempo pelo vilarejo, até que encontrou um pequeno celeiro, distante das demais estruturas, intocado pelo fogo. A porta estava aberta e não havia nenhuma criatura ali. Pendurados nas paredes estavam os mais diversos tipos de tecidos e peles. A mulher apanhou um punhado deles e estendeu num dos cantos, fazendo uma espécie de cama improvisada. Ainda com o bebê nos braços, ela se deitou e respirou fundo. O teto do celeiro era aberto. Só agora ela dera conta que ali não caía neve.

O céu estava claro. Ela podia ver milhares de estrelas dali. Apesar do cansaço, faltava-lhe sono. Observou por muito tempo os astros, vendo, vez ou outra, estrelas cadentes. Imaginou ter visto um imenso pássaro negro cruzar os céus, sob grande velocidade, carregando contigo um rastro branco de neve. Antes que pudesse ter certeza, adormeceu, momentos antes do seu cérebro dizer: *sobreviva*.